

## LITERATURA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO: QUANDO A ARTE PERPASSA CONHECIMENTOS

Maria de Lourdes Dionizio Santos  
Universidade Federal de Campina Grande

*“Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é [...] a experiência humana”.* T. Todorov.

*“A poesia pode comunicar-se ainda antes de ser compreendida”.* T. S. Eliot.

*“A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro”.* O. Paz

Pensar, discutir e escrever sobre linguagem, hoje, implica fazermos um retorno aos primórdios da cultura humana, quando nos empenhamos em registrar nossa história oral e/ou escrita, no intuito de apresentar nossa memória social às gerações presentes, e levá-la adiante, numa contribuição às posteriores.

Nessa perspectiva, fazemos um recorte do vasto campo que a linguagem abrange, nos restringindo ao âmbito da linguagem literária, a partir de um olhar sobre o ensino de Literatura e suas interfaces com outras áreas do conhecimento.

Na esteira desse raciocínio, se remontarmos às origens da oralidade, constataremos a sua relevância, como função exemplar, seja através dos contos, provérbios e outros gêneros, utilizados como estratégia de ensino no início de nossa educação formal ou informal, cuja marca expressiva instigou nossa criatividade e imaginação desde então, e disseminou a cultura.

Dessa forma, remetemos aos provérbios, uma vez que eles nos oferecem suporte direto de linguagem poética, cuja fonte se encontra no conhecimento popular, sendo, posteriormente transmitida pela cultura, seja na expressão oral ou escrita, como podemos conferir em “*Provérbios e história social*”, texto de James Obelkevich, quando este autor argumenta que “Um dos gêneros folclóricos mais antigos, e um dos mais amplamente distribuídos, do ponto de vista geográfico, os provérbios sempre foram usados por pessoas de todos os grupos e de todas as classes” (BURKE; PORTER, 1997, p. 46).

A respeito de provérbio, Dominique Maingueneau (2002, p. 169-170) afirma que “Proferir um provérbio (‘Quem tudo quer, tudo perde’, ‘Tal pai, tal filho’ etc.) significa fazer

com que seja ouvida, por intermédio de sua própria voz, a ‘sabedoria popular’, à qual se atribui a responsabilidade pelo enunciado”. O discurso proverbial, cuja “enunciação [...] é fundamentalmente polifônica”, retoma uma infinidade de “enunciações anteriores, as de todos os locutores que já proferiram aquele provérbio”. (MAINGUENEAU, 2002, p. 169).

Quando tomamos o exemplo dos provérbios, pretendemos mostrar a recorrência desse tipo de texto em diversos gêneros literários, como poesia, conto, romance, teatro, assim como na música, conforme atesta “Bom conselho”, de Chico Buarque de Holanda, cuja letra sugere uma desconstrução do discurso sedimentado de nossa formação.

A exemplo dessa música, uma infinidade de outras faz alusão aos provérbios, ou os apresentam explicitamente em seu conteúdo, no intuito de obter não apenas expressividade, mas de também subverter discursos da coletividade que, em sua sabedoria, leva adiante a memória popular e os ensinamentos de uma sociedade.

### **Bom Conselho**

Ouçã um bom conselho  
 Que eu lhe dou de graça  
 Inútil dormir que a dor não passa  
 Espere sentado  
 Ou você se cansa  
 Está provado, quem espera nunca alcança

Venha, meu amigo  
 Deixe esse regaço  
 Brinque com meu fogo  
 Venha se queimar  
 Faça como eu digo  
 Faça como eu faço  
 Aja duas vezes antes de pensar

Corro atrás do tempo  
 Vim de não sei onde  
 Devagar é que não se vai longe  
 Eu semeio o vento  
 Na minha cidade  
 Vou pra rua e bebo a tempestade (Disponível em:  
<http://letras.mus.br/chico-buarque/85939/> Acesso em: 1/8/2012)

A propósito da música compreendemos que ela é uma das interfaces da literatura, cuja linguagem vem sendo cada vez mais abordada nas atividades das mais diversas áreas do conhecimento, no sentido de contribuir com o entendimento sobre o assunto que se pretende discutir.

Nesse sentido, podemos ressaltar com que frequência essa manifestação da arte tem sido utilizada no ensino, de um modo geral, e, em particular, no de idiomas, com o fim de se apreender categorias gramaticais, e exercitar leitura, compreensão e produção textual, primordialmente. Neste quesito, fica nossa observação sobre o uso do texto como pretexto, quando, por vezes, a análise do texto poético se restringe ao plano técnico da estrutura da língua, deixando de se explorar a profundidade semântica, e a plurissignificação dos sentidos contidos na mensagem.

Ainda podemos conferir esta situação, por exemplo, observando a utilização do texto “Paralelas”, de Belchior, no livro didático *Português: ensino médio*, de José de Nicola (2009), destinado à segunda série do Ensino Médio, no qual se pode ver a sequência de uma dúzia de questões relativas à estrutura das classes gramaticais da Língua Materna, pouco instigando reflexões sobre o sentido do texto. Observemos a letra da música:

### **Paralelas**

Dentro do carro, sobre o trevo a 100 por hora,  
 Oh! Meu amor!  
 só tens agora os carinhos do motor  
 E no escritório em que eu trabalho e fico rico  
 quanto mais eu multiplico  
 diminui o meu amor.  
 Em cada luz de mercúrio  
 vejo a luz do seu olhar.

Passam praças, viadutos, (**verso supresso no livro**)  
 Nem te lembras de voltar,  
 de voltar,  
 de voltar  
 ...No corcovado quem abre os braços sou eu.  
 Copacabana esta semana o mar sou eu.  
 (Como é perversa a juventude do meu coração  
 Que só entende o que é cruel e o que é paixão!)

E as paralelas dos pneus n'água das ruas  
 São duas estradas nuas  
 em que foges do que é teu.  
 No apartamento, (8º andar!)  
 abro a vidraça e grito...  
 Grito quando o carro passa:  
 “Teu infinito sou eu!  
 Sou eu!  
 Sou eu!  
 Sou eu!” (BELCHIOR apud NICOLA, 2005, p. 56).

Após uma sondagem gramatical exaustiva, verificamos que o texto poético e as discussões estéticas pertinentes foram negligenciadas, comprometendo a relevância do gênero e do discurso abordados, fazendo com que o aluno/leitor desconsidere ou dê pouca importância ao sentimento humano expresso no texto pelo sujeito-poético.

Nessa linha de abordagem, citaríamos, por exemplo, o uso de poemas, contos, crônicas, excertos de romances, tirinhas em exercícios, exames e concursos em geral, com a finalidade de explorar o campo semântico de determinados termos, muitas vezes isolados ou fora de propósito, apenas com o intuito de eliminar pessoas do processo, arbitrariamente, visto que o teor de subjetividade dos textos poéticos possibilita diversas formas de compreensão.

Outro exemplo, dentre vários, é o poema “Pronominais”, de Oswald de Andrade, utilizado em exames e vestibulares para tratar sobre o uso do pronome átono em início de frases. Embora a questão sobre a omissão gramatical seja uma das possibilidades de abordagem para se discutir preconceitos linguísticos, a propósito do uso do referido pronome no início das frases, contrapondo-se à liberdade do falar do povo brasileiro, o texto sugere outras discussões sobre problemáticas de natureza discriminatória, a exemplo dos termos “mulato sabido”, “bom negro” e “bom branco”. Leiamos o poema:

### **Pronominais**

Dê-me um cigarro  
Diz a gramática  
Do professor e do aluno  
E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco  
Da Nação Brasileira  
Dizem todos os dias  
Deixa disso camarada  
Me dá um cigarro (ANDRADE, 2003, p. 167)

Além desses exemplos, outros tantos enfatizariam a importância da literatura na abordagem dos mais variados campos do conhecimento, promovendo debate sobre o texto lido. Neste sentido, o profissional que ministra a disciplina Língua, ou Literatura poderia instigar a participação dos alunos, convidando-lhes a apresentarem suas reflexões e contribuições, manifestando oral e por escrito suas impressões sobre o texto.

A propósito, trazemos aqui o exemplo da questão 123 do Caderno 7 – Azul – página 14, do Enem 2009, cujo texto, de autoria de Bertolt Brecht, suscita reflexões sobre os mais diversos temas da realidade, desde a Educação, abordada numa postura crítica do autor,

perpassada pelos temas transversais da moral, da política, da alienação, da obediência, da esperteza, da exploração, da autonomia e da conduta ética do indivíduo, entre outros, discutidos diretamente pela Filosofia, Sociologia, História, Religião e outros campos do saber agregados ao sistema educacional, encarregado de organizar e transmitir as formas e conteúdos do conhecimento previamente articulados. Vejamos esses meandros na linguagem do texto do dramaturgo alemão – “Se os Tubarões Fossem Homens”, na íntegra, – e adaptado pelo Enem (2009, p. 14 – Caderno Azul), o qual considera em seu enunciado que,

Como produção humana, a literatura veicula valores que nem sempre estão representados diretamente no texto, mas são transfigurados pela linguagem literária e podem até entrar em contradição com as convenções sociais e revelar o quanto a sociedade perverteu os valores humanos que ela própria criou.

#### Se os tubarões fossem homens

Se os tubarões fossem homens, eles seriam mais gentis com os peixes pequenos. Se os tubarões fossem homens, eles fariam construir resistentes caixas do mar, para os peixes pequenos com todos os tipos de alimentos dentro, tanto vegetais, quanto animais. Eles cuidariam para que as caixas tivessem água sempre renovada e adotariam todas as providências sanitárias cabíveis se por exemplo um peixinho ferisse a barbatana, imediatamente ele faria uma atadura a fim de que não morressem antes do tempo. Para que os peixinhos não ficassem tristonhos, eles dariam cá e lá uma festa aquática, pois os peixes alegres tem gosto melhor que os tristonhos. Naturalmente também haveria escolas nas grandes caixas, nessas aulas os peixinhos aprenderiam como nadar para a guela dos tubarões. Eles aprenderiam, por exemplo a usar a geografia, a fim de encontrar os grandes tubarões, deitados preguiçosamente por aí. Aula principal seria naturalmente a formação moral dos peixinhos. Eles seriam ensinados de que o ato mais grandioso e mais belo é o sacrifício alegre de um peixinho, e que todos eles deveriam acreditar nos tubarões, sobretudo quando esses dizem que velam pelo belo futuro dos peixinhos. Se encucaria nos peixinhos que esse futuro só estaria garantido se aprendessem a obediência. Antes de tudo os peixinhos deveriam guardar-se antes de qualquer inclinação baixa, materialista, egoísta e marxista. E denunciaria imediatamente os tubarões se qualquer deles manifestasse essas inclinações. Se os tubarões fossem homens, eles naturalmente fariam guerra entre si a fim de conquistar caixas de peixes e peixinhos estrangeiros. As guerras seriam conduzidas pelos seus próprios peixinhos. Eles ensinariam os peixinhos que, entre os peixinhos e outros tubarões existem gigantescas diferenças. Eles anunciariam que os peixinhos são reconhecidamente mudos e calam nas mais diferentes línguas, sendo assim impossível que entendam um ao outro. Cada peixinho que na guerra matasse alguns peixinhos inimigos da outra língua silenciosos, seria condecorado com uma pequena ordem das algas e receberia o título de herói. Se os tubarões fossem homens, haveria entre eles naturalmente também uma arte, haveria belos quadros, nos quais os dentes dos tubarões seriam pintados em vistosas cores e suas guelas seriam representadas como inocentes parques de recreio, nas quais se poderia brincar magnificamente. Os teatros do fundo do mar mostrariam

como os valorosos peixinhos nadam entusiasmados para as guelgas dos tubarões. A música seria tão bela, tão bela, que os peixinhos sob seus acordes e a orquestra na frente, entrariam em massa para as guelgas dos tubarões sonhadores e possuídos pelos mais agradáveis pensamentos. Também haveria uma religião ali. Se os tubarões fossem homens, eles ensinariam essa religião. E só na barriga dos tubarões é que começaria verdadeiramente a vida. Ademais, se os tubarões fossem homens, também acabaria a igualdade que hoje existe entre os peixinhos, alguns deles obteriam cargos e seriam postos acima dos outros. Os que fossem um pouquinho maiores poderiam inclusive comer os menores, isso só seria agradável aos tubarões, pois eles mesmos obteriam assim mais constantemente maiores bocados para devorar. E os peixinhos maiores que deteriam os cargos valeriam pela ordem entre os peixinhos para que estes chegassem a ser, professores, oficiais, engenheiros da construção de caixas e assim por diante. Curto e grosso, só então haveria civilização no mar, se os tubarões fossem homens. (disponível em: <http://www.blogger.com/feeds/3524306257737587006/posts/default>. Acesso em: 29/7/2012).

A partir da leitura desse texto, fica evidenciado o modo como a literatura é aplicada ao ensino-aprendizagem. Esta característica da literatura estabelece relação entre outras áreas do conhecimento, uma vez que, por ser produto da criação humana, portanto manifestações do seu pensamento, encontramos na arte a possibilidade de estabelecer conexões entre conhecimentos. Neste sentido, Maria Zilda Ferreira Cury remete a Barthes, ao afirmar que “A literatura [...] se articula como espaço privilegiado de conagraçamento de conhecimento e saberes. [...] Em face da literatura, professor e aluno são interlocutores que, diante do mundo dos homens e de suas produções, podem alternar-se na condução do jogo interpretativo” (CURY, 2007, p. 77).

A propósito da “noção contemporânea de texto”, Maria Zilda Cury afirma que os “discursos socialmente produzidos” têm adquirido forma plural e híbrida, “expondo-se como uma rede interdependente de significações” (CURY, 2007, p. 78). Essa autora acrescenta que

Ler um texto é, pois, situar-se num campo de inter-relações. [...] As literárias imagens do mundo vão do papel à tela do computador, transformando o que se convencionou chamar literatura através da infinidade de suportes ocupados pelo texto literário. [...] a Teoria da literatura e a Literatura comparada não se contentam com a reflexão sobre o texto, tomado no sentido estrito, e nem com o referencial metodológico mais específico, [...] já que os textos que compõem o que se convencionou chamar literatura não logram compreensão se vistos isoladamente. Como a própria formação da palavra interdisciplinaridade nos evidencia, trata-se de uma relação criativa entre as diferentes disciplinas, entre as várias áreas do conhecimento. (CURY, 2007, p. 78-79).

Esse raciocínio de Maria Zilda se faz perceber também na ordem inversa, quando outros conhecimentos se apoiam na Literatura, estabelecendo um diálogo, ou discorrendo sobre ideias a partir do texto literário. Neste sentido, conforme essa autora conclui o seu texto, “A literatura e seu ensino se afirmam como direitos do cidadão”, na medida em que ela assegura “Espaços de mediação e de rearticulação de saberes, produtividades contraditórias de discursos, suspensão de sentidos estratificados” (CURY, 2007, p. 87).

Para elucidar essa questão, tomamos como exemplo a abordagem dialógica de ensino da Literatura e da Filosofia, visto que, ambas são disciplinas que privilegiam o despertar e o desenvolvimento do senso crítico, aguçando a sensibilidade do indivíduo para as problemáticas da realidade social.

Pautados na linha de pensamento, entendemos que a literatura abre caminho para várias discussões, sobre diversos temas da Realidade, anulando os entraves entre os diversos segmentos do Conhecimento. Isto nos permite afirmar que, o ensejo criado pela literatura, enquanto veículo facilitador das indagações sobre questões da Realidade, reforça seu vínculo com a Filosofia. Nesta perspectiva, segundo afirma Gerd Bornheim, “Justamente nesse ponto está a importância da poesia para a filosofia; [...] é pela linguagem poética que o filósofo pode alargar, de modo privilegiado, sua sensibilidade”. (BORNHEIM, 2001, p. 164-165-166).

Isso se confirma quando abrimos, aleatoriamente, por exemplo, os livros de filosofia para o Ensino Médio, de Marilena Chaui; Maria Lucia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins e verificamos o recurso que esses autores fazem aos textos de poetas brasileiros, para apresentarem e discutir os temas relativos ao conhecimento filosófico propriamente dito.

Ao introduzir o capítulo sobre “O nascimento da filosofia”, em seu *Convite à filosofia*, Marilena Chaui (1995, p. 23), nos convida a ouvir “a voz dos poetas”, afirmando que “ela costuma exprimir o que chamamos de ‘sentimento do mundo’, o sentimento da velhice e da juventude perene do mundo, da grandeza e da pequenez dos humanos ou dos mortais”. Nesta perspectiva, Chaui cita trechos dos poemas dos gregos Arquíloco, Teógnis e Píndaro, bem como dos brasileiros Orides Fontela, Carlos Drummond de Andrade e Mário Quintana, além da parte final das *Metamorfoses*, do poeta romano Ovídio. Todos os textos citados servem como estratégia para dar fluidez às reflexões de Marilena Chaui. Esta autora, ao falar de “Lembrança e identidade do eu”, discorrendo sobre memória, em sua obra *Filosofia: série brasil*, remete aos conhecidos versos de Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias, no intuito de evocar o passado de nossa história e identidade, cuja memória é resgatada de outrora para agora, graças ao sentimento saudosista da infância, marcado pelo Romantismo.

Eis os excertos do poema de C. de Abreu, citados por Chauí (2005, p. 114): “Ó que saudades que eu tenho/ Da infância da minha vida/ Da minha infância querida/ Que os anos não trazem mais.” E, de Gonçalves Dias (apud CHAUI, 2005, p. 114): “Eu me lembro,/ eu me lembro!/ Era pequeno e o mar bramia.”

Esse tempo perdido não escapa ao registro de Chauí, ao lembrar a famosa obra da literatura mundial contemporânea: *Em busca do tempo perdido*, de Proust.

Outras obras e poetas são citados por Chauí. Entre eles encontramos Alberto Caeiro, heterônimo de Pessoa, O próprio Pessoa, Jorge de Lima, Ferreira Gullar, além de artistas diversos.

Essas estratégias são utilizadas com a mesma finalidade pelas autoras de *Filosofando*: introdução à filosofia, Maria Lucia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, ao abordarem as temáticas filosóficas, a exemplo da ideologia, presente nos discursos, observando-se o humor dos Quadrinhos, bem como nas propagandas, cujo apelo à reificação é contestado pelo poema “Eu etiqueta”, de Drummond, textos citados pelas autoras referidas.

Nessa perspectiva metodológica, na obra *Pensando melhor: iniciação ao filosofar*, Angélica Sátiro e Ana Míriam Wensch nos convidam a trilhar a “Estrada do sol”, embalados pelo fragmento da música de Tom Jobim e Dolores Duran: “[...] É de manhã/ Vem o sol, mas os pingos da chuva/ Que ontem caiu/ Ainda estão a brilhar/ Ainda estão a dançar/ Ao vento alegre que me traz/ Esta canção [...] / Me dê a mão/ Vamos sair pra ver o Sol/ O Sol” (JOBIM; DURAN apud SÁTIRO; WENSCH, 2001, p. 6).

Além da escolha deste texto poético, muitos outros do mesmo gênero são utilizados como estratégia de ensino de filosofia por essas autoras, como por exemplo, Renato Russo, Caetano Veloso, Fernando Pessoa, Humberto Gessinger.

Nessa linha de abordagem, Ítalo Calvino (apud CURY, 2007, p. 81) atesta que “A literatura, mais do que os levantamentos das ciências sociais, nos fornece informação detalhada e minuciosa de como os seres humanos percebem seus mundos”. Neste sentido, para Maria Zilda, “a experiência estética, com sua faculdade de abranger outras, faz do texto literário um lugar de renovação e crítica desse universo de discursos” (CURY, 2007, p. 83-84).

Daí por diante, não esgotaríamos os exemplos suscitados através da arte da palavra falada ou escrita, ou da imagem, captada pela sugestão do texto poético, sob qualquer modalidade de arte: pintura, escultura, arquitetura, música, dança, entre outros que fornecem subsídio ao pesquisador, ao escritor, ao poeta, ao usuário da língua e da linguagem literária, para cristalizar o conhecimento que transmitem.

Esse modo de utilização da linguagem poética propicia ao ensino-aprendizagem uma melhor compreensão dos conhecimentos apresentados, visto que os discursos se entrecruzam e a linguagem da arte favorece uma melhor apreensão da realidade do mundo pelo indivíduo.

O reconhecimento pela contribuição que a linguagem e o texto literário possibilitam à concretização do nosso fazer cotidiano vai além da vida profissional de cada um de nós, uma vez que a literatura está presente em todos os ciclos da vida, do início ao fim. Assim, ela nos envolve do decorrer de nossa existência.

Nessa perspectiva, não poderíamos deixar de mencionar o pensamento de Antonio Candido, quando este se refere ao direito à literatura, ao afirmar que:

[...] a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. (CANDIDO, 1995, p. 175).

Dessa forma, para Antonio Candido (1995, p. 177), “Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, *enquanto construção*.” Esse crítico acrescenta, que

A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. Isto ocorre desde as formas mais simples, como a quadrinha, o provérbio, a história de bichos, que sintetizam a experiência e a reduzem a sugestão, norma, conselho ou simples espetáculo mental. (CANDIDO, 1995, p. 177).

A partir dessas reflexões sobre a importância da Literatura enquanto componente curricular integrado à Língua Portuguesa e às Artes, constatamos sua relevância para a formação cultural do indivíduo e de toda sociedade humana. Nesta perspectiva, atestamos a presença da Literatura em várias modalidades de conhecimentos, numa busca de sentidos, através da linguagem poética, como subsídio para uma melhor apreensão destes.

Aqui, citaríamos mais um exemplo do uso do texto literário, como expressão do sentimento humano, manifesto pelo poeta e pelo narrador, os quais organizam de tal forma as palavras, que, através da ordem do seu arranjo cristaliza a realidade concreta.

Nesse sentido, Maria Teresa Gonçalves Pereira adverte para a responsabilidade do professor de Língua Portuguesa, citando textos de Caetano Veloso, Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto e Raul Seixas, parafraseando José Régio, e argumentando sobre a significação e expressividade que a palavra da música e da poesia nos transmite, provocando nossas emoções, nos instigando a refletir sobre as problemáticas que nos envolvem, e tomar atitudes diante dos fatos de nossa realidade. Para essa pesquisadora,

Há necessidade de atitudes responsáveis por parte do professor de Língua Portuguesa. Mais do que a pedagogia correta, a didática eficaz, estratégias e metodologias adequadas, conhecimento dos conteúdos a serem ministrados – sendo tudo isso, evidentemente, de extrema importância – é a ética que nos deve nortear em qualquer situação, mantendo-nos dignos e altivos em nosso ofício de ensinar a língua materna. (PEREIRA, 2001, p. 247).

Nessa linha de pensamento, que compreende a literatura como forma de arte humanizadora, podemos dizer da contribuição e do poder que sua linguagem exerce sobre o indivíduo que lança mão de uma obra literária, remetendo ao que afirma Tzvetan Todorov, em seu texto “O que pode a literatura?”, inserido em seu livro *A literatura em perigo*:

A literatura pode muito. Ela pode estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. [...] revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2000, p. 76).

Com base nesse comentário, compreendemos a importância da criação artística e literária como estratégia no campo do ensino-aprendizagem, visto que, em diversas circunstâncias da nossa realidade social e profissional fazemos recursos a esse tipo de linguagem, a fim de atingirmos nossas expectativas no âmbito do conhecimento, através das impressões deixadas pela obra literária, cuja construção apresenta, enquanto “poder humanizador”, a dualidade conflitiva em que vive o homem.

Por fim, na esteira do pensamento de Antônio Candido, compreendemos que a humanização proporcionada pela literatura desenvolve nossa capacidade de reflexão, “a

aquisição do saber”, “a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, [...] o senso da beleza, [...] na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (CANDIDO, 1995, p. 180).

#### Referências Bibliográficas

ANDRADE, Oswald. *Pau brasil*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2003. (Coleção Obras Completas de Oswald de Andrade).

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, MARIA Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1986.

BORNHEIM, Gerd. Filosofia e poesia. In: \_\_\_\_\_. *Metafísica e finitude*. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 157-166. (Coleção Debates, 280).

BRECHT, Bertolt. Se os Tubarões Fossem Homens. Disponível em: <<http://www.blogger.com/feeds/3524306257737587006/posts/default>> Acesso em: 29/7/2012.

BUARQUE, Chico. Bom conselho. Disponível em: <<http://letras.mus.br/chico-buarque/85939/>> Acesso em: 1/8/2012.

BURKE, Peter; PORTER, Roy. (Org.). *História social da linhagem*. Tradução por: Álvaro Hattner. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. (UNESP/Cambridge).

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

CHAUI, Marilena de Souza. *Convite à filosofia*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.  
\_\_\_\_\_. *Filosofia: ensino médio*. São Paulo: Ática, 2005. (Série Brasil).

CURY, Maria Zilda Ferreira. Ensino da literatura e o diálogo entre os discursos. In: MATTE, Ana Cristina Fricke. ((Org.). *Lingua(gem), texto, discurso*, v. 2: entre a reflexão e a prática. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte, MG: FALE: UFMG, 2007. p. 75-88.

BRASIL, Ministério da Educação. *Exame Nacional do Ensino Médio*. Brasília: MEC/Inep, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. Do provérbio à ironia: polifonia, captação e subversão. In: \_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. Tradução por: Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 169-178.

NICOLA, José de. *Português: ensino médio*. São Paulo: Scipione, 2009. v. 2.

OBELKEVICH, James. Provérbios e história social. In: BURKE, Peter; PORTER, Roy. (Org.). *História social da linhagem*. Tradução por: Álvaro Hattnher. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. (UNESP/Cambridge). p. 43-81.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. O professor de Língua Portuguesa: modos de ensinar e de apre(e)nder. In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 244-249.

SÁTIRO, Angélica; WENSCH, Ana Míriam. *Pensando melhor: iniciação ao filosofar*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

TODOROV, Tzvetan. O que pode a literatura? In: \_\_\_\_\_. *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 73-82.